

# BAZAR

NUMERO UNICO

EM BENEFICIO DA CONFRARIA DO SENHOR DA BOA-MORTE DA FREGUEZIA DE S. MIGUEL,  
E PARA SER DISTRIBUIDO NO «BAZAR DE PRENDAS» NAS CALDAS DE VIZELLA

Nunca deixeis de fazer beneficios  
pela incerteza dos seus resultados.  
Conselheiro José Joaquim Rodrigues de Bastos.

## CALDAS DE VISELLA

«Esta é a ditosa patria minha amada.»

CAMÕES—LUSIADAS—C. 3. v. 21

I.—Estão as *Caldas de Visella* em «duas parochias ruraes», no concelho de *Guimarões*, antiquissima villa do reino, elevada á categoria de cidade em Decreto de 22 de junho de 1853.

São as parochias de *S. Miguel* e *S. João*, cognominadas ambas com o qualificativo *das Caldas*, e ambas de dia em dia com engrandecimento de renome.

II.—Na parochia de *S. Miguel*, estão as «nascentes sulphureas» da LAMEIRA e de VELMENSO.

Na parochia de *S. João*, estão as «nascentes sulphureas» do MEDICO e do MOURISCO.

Ha no entanto—n'uma e n'outra parochia—«não poucas nascentes ainda», com modesto renome embora, analogas todas em qualidades medicinaes.

III.—Na parochia de *S. Miguel*, viu a luz da existencia *Roque Francisco*, ourives d'assignalada fama, e official distinctissimo da «casa da moeda» em Lisboa.

Nasceu a 16 d'Agosto de 1659, tendo por pae a *Domingos Francisco*, e por mãe a *Izabel Fernandes*.

IV.—Em 1694, deu *Roque Francisco* á luz em Lisboa, na officina de *Miguel Deslandes*, um «escripto» de meritosos quilates na especie, e por isso condignamente apreciado dos amadores.

Tem por «titulo» VERDADEIRO RESUMO do valor d'ouro e prata: — e é fructo litterario de «trabalhos conscienciosos», como de famigerado ensaiador-mór das casas da moeda no reino.

V.—Com a «reprodução» d'esta OBRA em 1739 e 1757—em officinas de Lisboa ainda, e em 8.º sempre—comprova-se á larga a estima e con-

sideração, com que sempre a manuseára o publico apreciador.

Não será isto no entanto para maravilhar-nos, sabendo-se com o testemunho do «carmelita lisbonense» *Fr. Alberto de S. José Col*—nas LICENÇAS DA INQUIZIÇÃO—que de *Roque Francisco*, era escutado o nome. «com respeito e veneração», até nas nações estranhas:—pois o acatavam todos os apreciadores, como o *aquilatador unico* até então, que soubera com acerto apurar os quilates do ouro, com a sciencia e a consciencia das ligas respectivas.

VI.—Na parochia de *S. João*, foi ABBADE no seu tempo *D. Theotónio de Bragança*, filho do «4.º duque» d'este titulo—o duque *D. Jayme*, «successor jurado do reino.»

Nasceu em Coimbra a 2 d'Agosto de 1530—sendo-lhe mãe a «2.ª consorte» do pae, *D. Joanna de Mendonça*, filha do alcaide-mór de Mourão na epocha

VII.—Opulento de saber, e exornado de virtudes, professou *D. Theotónio* a «regra» da *Companhia de Jesus*—fugindo occultamente aos seus para o *Collegio de Coimbra*, onde vestira a «roupeta» aos 12 de julho de 1549.

Foi tambem *thesoureiro* da *Collegiada de Barcellos* nas margens do *Cávado*—«cargo ecclesiastico d'importancia no seu tempo»—e coadjutor e futuro successor do *Cardial D. Henrique*, 1.º arcebispo d'Evora com posse em 20 de novembro de 1540—depois de ter assumido o GOVERNO PRIMAZ de Braga desde 1534.

VIII.—No ABBADIADO de *D. Theotónio de Bragança* em *Visella*, cognominava-se de *S. João de Guminhães* a parochia de *S. João das Caldas*—então de *padroado real*.

E n'esta parochia—no lugar do *Paço* á esquerda do *Visella*—está a «quinta nobre» de *Guminhães*, de que fôra outr'ora um dos «senhores» *Francisco Soares d'Aragão*, e é hoje

dos *Sousas Cirnes Mulreiras Alcoforados*, do *Poço das Patas* no *Porto*.

IX.—N'esta «quinta do *Paço de Guminhães*», entraram em 18 de junho de 1559—«fugindo aos horrores da peste, que devastava então a *Guimarões*»—as freiras do «Convento de *Sancta Clara* na rua de «*Santa Maria*» n'esta antiga villa e nova cidade.

Unidas abi se alojaram durante alguns mezes, graças ao offerecimento generoso de *Fernão Martins de Sousa*, condeido do estado afflictivo das «madres vimaranenses».

X.—Nada nos diz a «historia patria», em relação ao que devesse acaso a *D. Theotónio de Bragança* «em assumptos abbaiaes»—a parochia de *S. João das Caldas* agora, e de *S. João de Guminhães* então.

Não deixaria no entanto d'olhar por ella *D. Theotónio*, tendo-a celebrisado o rei *D. João I*—em contar o honrar a «quinta do *Paço* com parte do rio *Visella*, confirmando tudo o rei *D. Duarte* em 27 d'Agosto de 1434.

XI.—Leva-nos a esta supposição, o vêr os muitos beneficiamentos de *D. Theotónio* em Evora—amplos e valiosos, e magnanimos todos.

Só nos cuidados indefessos com a *Cartuxa*—a que logára a riquissima livraria—gastára o illustrado prelado acima de 200 mil cruzados.

XII.—A's *Convertidas Eborenses*, com generosidade doou *D. Theotónio de Bragança* o palacio afamado dos CAMÕES, de que um só e unico filho—O CANTOR IMMORTAL DOS LUSIADAS IMMORTAES—tem disseminado o nome nos ambitos geraes do mundo.

Não podia deixar por isso *D. Theotónio*—zelosissimo pastor—d'engrandecer d'algun modo uma parochia sua, «importantissima na epocha».

XIII.—Conforme o *Chantre Severim de Faria*, eis—aquí a «genealogia» d'esses CAMÕES alludidos,

em paralelo com os CAMÕES de Coimbra:

«Vasco Pires de Camões»

## EVORA

Gonçalo Vaz de Camões  
Antonio Vaz de Camões.  
Lopo Vaz de Camões.  
Antonio Vaz de Camões.  
Lopo Vaz de Camões.  
Antonio Vaz de Camões.  
Lopo Luiz de Camões.

## COIMBRA

João Vaz de Camões.  
Antão Vaz de Camões.  
Simão Vaz de Camões.  
Luiz de Camões

(AUCTOR DOS LUSIADAS)

XIV.—E' por este modo, que o «abbade visellense» D. Theotonio de Bragança—«de que só por tradicção vaga consta dar á parochia uns bellissimos paineis em madeira»—anda adstricto ao renome illustre da «familia» dos CAMÕES.

O Vasco Pires de Camões—tronco egregio da familia entre nós—foi alcaide-mór de Portalegre no Alentejo, por nomeação do rei D. Fernando I em 7 de junho da era de 1418—correspondente ao anno vulgar de 1389.

Braga, 24 de junho de 1885.

O decano do Lyceu, PEREIRA CALDAS.

# OS SINOS

## I

### TRAÇOS HISTÓRICOS

Todos conhecem estes instrumentos de bronze suspensos nas torres dos templos e que tão importante papel representam na vida dos povos sujeitos á religião do Christo, apesar de tantas antipathias causarem, quando nos atroam os ouvidos com a sua musica invariavel, monotona e rude.

Foi S. Paulino de Nola, Sancto Bispo, nascido em Bordeus na França em 353, d'onde passara para a Prelazia de Nola, o vulgarizador dos sinos, se é que lhe não é devida a sua invenção, como se presume também. Esta vulgarisação teve logar na Terra do Labor no reino de Napoles, que é conhecida em geral com o nome de Provincia da Campania, d'onde vem chamar-se aos sinos *campanas*, na baixa latinidade, e d'aquí campanarios termo ainda hoje usado.

Antes do uso dos sinos, empregava-

vam-se no mesmo intuito as campainhas, sinos pequenos; e em Suetonio, Dion, e Polybio são conhecidos estes instrumentos com diversos nomes latinos, como: *aeramentum*, *crotalum*, *signum*, *tintinnabulum* como em Jeronymo Magio, no livro curioso—*De Tintinnabulis*, pode examinar-se amplamente.

A designação usual de *sinos* provem de serem elles o signal de que usavam os christãos para convocarem os fieis aos officios sagrados nos templos.

Chamavam-lhe *signum* e pela corrupção da palavra ficou *sino*.

Teve logar a origem d'estes instrumentos nas trombetas de prata com que na Lei Escripita eram convocados os Israelitas aos sacrificios do Tabernaculo.

Comparando-se as trombetas com os *sinos* vê-se que mais altisonantes são elles que ellas: as trombetas convocavam os fieis na Judea apenas, os *sinos* convocam-nos em todos os ambitos do mundo.

Tinham os *sinos* variados usos na antiguidade. Segundo se vê do poeta romano Marcial, usava-se d'elles (*aestermarum*) nas *thermas* do povo rei da cidade dos sete Montes, naturalmente para os convocar á entrada dos banhos; e com *sinos* se convocava também o povo em tempos anteriores, ás praças, aos mercados, e aos *bandos* administrativos.

O rei de Castella D. Fernando, ao conquistar o reino de Granada aos mouros, levava consigo muitos *sinos*, em carros, com o fim de os collocar nas mesquitas, convertendo-as desde logo em Igrejas.

Antigamente, não se tocavam os sinos em tempos de lucto; e d'ahi proveio no maior dos maiores luctos, começado em quinta feira sancta e ultimado em sabbado da Alleluia, o não se tocarem os sinos.

## II

### LENDAS

Ha muitos factos na Historia acerca dos quaes correm, em tradicção, certos commentarios, que embora a ingenuidade de alguns creia como verdades irrevogaveis, o criterio de outros apenas acceita como lendas e productos da imaginação.

Não são poucas também as lendas relativas aos *sinos*, por algumas qualidades memoraveis que os povos tem pretendido ver n'elles. Entre muitas que a tradicção nos ensina, podemos citar as seguintes:

No Aragoão e perto de Belilla, na torre da Igreja de S. Nicolau, veneram os povos, por milagroso, a um

*sino*, que a tradicção diz ter tanguido por si mesmo, prognosticando acontecimentos felizes e desgraçados. Em 13 de junho de 1603, começou a tanger por si mesmo durante dias seguidos: nos *Annaes de Aragoão* assim o memora Zurita.

Segundo D. Pio Rossi, escriptor italiano, havia em Roma um *sino* da gentildade, ao som do qual (sem serem tangidos) correspondiam á porfia todos os sinos do templo de Jupiter, como se lê no *Convite Moral* do mesmo escriptor.

Em Coimbra, diz a tradicção que os *sinos* de Santa Cruz tocaram por si, sem serem tangidos, na chegada alli das ossadas dos Sanctos Martyres de Marrocos.

—Nas immediações de Visella, corre a lenda de que é necessario que se invente uma grande mentira para que os sinos tenham boas vozes; e tem sido o cuidado d'este povo mais crente, logo que da fundicção vem algum sino novo, inventar a tal mentira, como se a contradicção da consciencia podesse influir no timbre do bronze. Também se diz: quando os sinos tocam piedosos ou se juncta de duas egrejas o toque das Trindades, ha morte breve.

Não admira que corram estas lendas, porque o bom do povo, sempre inclinado para o maravilhoso e sobrenatural, acredita em coisas que não passam da imaginação, mas que a simplicidade da sua crença assum o permite.

## III

### A RIBA O SINO

#### (conto sem arte)

#### O sino parochial

Na torre da minha igreja  
Ha um sonoro instrumento:  
Ouvi-o na minha infancia  
Como voz do firmamento.

VERSO DE LAMARTINE.

#### Era em Visella.

Corria o dia 4 de abril d'este anno. O ceu era puro e a aragem suave. A manhã era fresca e ainda conservava nos calices das flores as lagrimas do orvalho. O sol levantava-se por detraz do monte de S. Bento e espreguiçando-se ainda com somno, estendia por sobre as cumiadas, os seus primeiros raios de luz: eram debeis ainda, mas formosos. No adro da Igreja de S. Miguel estava muito povo reunido, homens, mulheres e creanças.

Procedia-se á elevação do *sino* da confraria do Senhor da Boa-Morte, imagem muito venerada por aquelle povo. Era um sino novo! No pinca-

ro da torre alguns homens mais audazes preparavam as cordas e outros aprestos para aquella operação de forças, mostrando difficeis licções de equilibrio n'aquella empreza arriscada. Cá em baixo, uns, boqui-abertos, olhavam para elles, admirando-se do seu arrojo; outros davam planos para a rapidez da operação; as creanças, loucas de jubilo, volteavam o sino d'ouro, como lhe chamavam, cantando com enthusiasmo:

Sino de ouro toca bem,  
Tua voz va muito alem.

As velhotas em grupos, rezando uns *Padre Nossos* nas grandes *contas* que sustinham debaixo do avental, deixavam cahir por sobre as rugas do rosto algumas lagrimas compassadas, e diziam umas para as outras: *qual de nós o estreará primeiro?* A mais velha, que dizia ter já os seus dois *carros*, limpava a manga rota do casaco uma lagrima que lhe fugia e murmurava tremula, «sou eu». E n'isto, começa a guindar-se o sino com uma pequena e simples machina de ferro, sem ser preciso o auxilio de Archimedes com o invento de poderosas machinas. Lá vai, exclamaram todos *una voz*: *a riba o sino*; e elle ia subindo, subindo placidamente, e o sino campanario fica do lado do nascente, o sol dando-lhe em cheio, tornava-o tam brilhante como uma grande lamina d'ouro polido. Era bello o spectaculo, apesar de prosaicos os actores. E lá chegou a *riba o sino* entre as admirações constantes dos timidos, os ais das velhas e os canticos alegres das creanças.

Prepararam-n'o, suspenderam-n'o no campanario e d'ahi a pouco aquelles 3005000 de bronze começaram a entoar as suas vibrações por toda a freguezia. O povo alegre era todo ouvidos a escutal-o e fazia commentarios ácerca das suas vozes suffocadas; mas *hão de abrir*, diziam todos. Depois, procedeu se á benção do sino; pois é costume benzerem-se quando se collocam nos campanarios, para que ao som d'elles augmente a devoção nos fieis.

Em seguida, depois de ter tocado o sino só, o sineiro deu um repique para experimentar como *calhava*, dizia elle, o sino novo com os outros velhos. Effectivamente *calha bem*, disse elle ufano, depois de ter descido da torre. Não admira; porque as notas invariaveis d'aquelles instrumentos de aldeia, sem sustentidos, desprezidos de todos os arrebiques da musica, dão-se sempre bem, e a harmonia nunca é prejudicada!

O povo começou a retirar-se,

volvendo um ultimo olhar para o sino que no alto do campanario affrontava o brilho do sol.

Eu que tinha presenciado tudo, retirei-me tambem, e a sós, vinha meditando pelo caminho. A principio lembrava-me d'aquelles formosos versos do Cancioneiro de João de Lemos — *O sino da minha terra* — e recitava-os em silencio:

Tange, tange, augusto bronze  
Teu som alegre e festivo,  
Despertando cechos do peito  
Faz-me ficar pensativo!

Depois lembrou-me de como estas pequenas coisas de aldeia tem uma poesia que deleita, um pensamento que moralisa.

Mas os *sinos*?! que poesia tem estes instrumentos rudes que, a não pertencerem a um carrilhão afinado, nos atroam os ouvidos com o seu badalar tempestuoso?!

Tem muita poesia. Elles representam um papel importantissimo na vida dos povos sujeito á religião do Christo. Elles festejam o homem no berço, e choram-n'o no tumulo; ora repicando alegres, annunciam o dia de festa, ou a alegria da familia; ora dobrando a finados, choram a dôr e o lucto dos corações magoados pela morte d'algum que nos era caro.

A sua musica, n'aquella rudeza não possa casar-se com os melindrosos ouvidos acostumados ás melodias de Euterpe, todavia agrada e deleita aos povos do campo, que na sua ingenuidade patriarcal, acham n'ella uma harmonia dulcissima e talvez melhor que as melodias de Verdi ou de Bellini executadas pelos melhores maestros do mundo.

Ao outro dia, o *sino novo* dobrava a finados. Tinha morrido uma pobre velha, mas não aquella que no grupo do adro dissera que o havia de estrear. Caldas de Visella.

BRAULIO CALDAS

## NO JARDIM DO MINHO

A natureza sempre caprichosa nas suas creações ingenuas se mostrou profusamente bizarra na creação da formosa povoação de Visella, humilde, sim, na sua apresentação perante a assembleia ruidosa das grandes povoações do paiz, mas cheia de elevados meritos, porque a encheu de tantas bellezas naturaes e de tantos bens que o homem cubica,

Apresentada pela natureza com uma perspectiva attrahente, e enriquecida do monopolio de seus bens que fazem fruir as doçuras desejaveis d'um goso salutar, cria-se e

tem-se criado nos corações de tanta gente que a ella corre, o amor de provar os seus confortos.

A origem d'esta povoação remonta a tempos antigos, sendo prova d'isto restos que no devolvimento da terra se tem encontrado, e que na forma e no estylo deixam ver ser obra dos romanos, vindo em confirmação a existencia d'algumas inscripções romanas, havendo por consequencia, vestigios de ser primeiro séde de romanos.

Estes restos que tem apparecido todas as vezes que se tem feito escavações, são d'uma structura surprehendente e d'um trabalho difficil, ao mesmo tempo que d'um gosto engenhoso, pelo que se torna notavel este povoado para a historia archeologica, onde tem tambem paginas consagradas.

Para passeio, onde ha mais amenos sitios e mais amaveis digressões, onde se absorvam os gazes puros d'uma vida saudavel e de refrigerio?

E' ali centralizado por uma espaçosa «alameda» publica bordada de magnificas moradas em parte d'habitação indigena e em parte d'hospitalidade na epoca balnear.

O progresso successivo d'esta villa (que assim se deve nomear) é casualidade singela que vieram a descobrir-se uns poços de agua quente, sem o esforço do homem para indagações de agua d'esta natureza; este achado, que depois se tornou precioso, moveu o excm.º snr. dr. da Porta, logar d'esta povoação, a fazer algumas escavações, cujo resultado foi descobrir maior numero d'elles.

Começando naturalmente a banharem-se n'estes poços, expostos á atmospheria livre, gente do vulgo ou algum animal mesmo, a modo da descoberta dos banhos de Aix-la-Chapelle e de Bagnoles que a historia tradicional attribue a experiencias conhecidas de animaes banhados casualmente n'essas aguas, vindo a conhecer-se-lhes efeitos medicinaes, por iniciativa do excm.º snr. já notado, e por isso de gloriosa recordação para os seus conterraneos, seguindo a sua empresa o illm. snr. Antonio Pereira da Silva, de feliz memoria, tambem se vieram a construir a expensas suas os edificios para alguns poços descobertos, para melhor se poder fazer uso d'elles, applicando-se desde então a efeitos medicinaes, sendo o seu usufructo gratuito. Os mesmos senhores, por voto proprio; chegaram a mandar construir casas para alojar pobres que affuiam ali a uso de banhos.

A fama das suas curas e dos seus effectos mineraes scava mais e mais ao longe; e, sendo provedor da camara de Guimarães o illm.º sur. Francisco Barroso Pereira, quer para locupletar-se, quer para engrandecimento d'esta terra, em 1814, planeou e mandou executar o melhoramento dos edificios balneares e augmento de banhos, para o que foi preciso destruir as sobreditas casas para pobres, mandando ao mesmo tempo formar uma «alameda» publica central em parte symetricamente ajardinada para recreio dos habitantes estrangeiros.

Fez-se por esta occasião uma inscripção latina que se gravára n'um obelisco encimador da bica publica de agua sulphurica, construida ao lado da mesma alameda, que hoje foi substituida por outra no mesmo local.

Eis aqui essa inscripção:

Ob Europae restitutam Pacem  
Desideratissimi Principis Regentis  
Ob redditum expectatum  
Aquaeducti, Fontis Horti  
Lineamenta instaurata  
Curante Provinciae Quaestore  
Narumque causarum Provisore  
Francisco Barroso Pereira.

A. D. MD.CCCXIV

A traducção respectiva é esta:

Entre os jubileus da nação portugueza  
Pela liberdade da Europa  
E mais proximas esperanças  
De gozar a presença  
Do suspirando principe regente  
Se delineou e executou  
Em beneficio publico  
A obra d'esta fonte  
Passeio, aqueducto, e melhoramento de banhos

Sendo provedor da comarea  
Francisco Barroso Pereira.

1814

Em 1882 foi despojada a alameda do estabelecimento de banhos ali construido desde tempos antigos e foi substituido por um novo estabelecimento construido á margem do rio do mesmo nome da povoação, logar aprazivel e deleitoso.

Assim tem progredido esta povoação não pouco extensa e habitada hoje, podendo ufanar-se com o seu progresso.

ABEL DE FREITAS.

## Pensamentos

### A MODA

A moda é uma soberana, cujas ordens não soffrem opposição; suas

phantasias são leis, seus caprichos oráculos.

—A moda é uma terrbara doidade, á qual até as mães chegam a immolar as suas proprias filhas.

—A moda, que se diz o idolo das mulheres, não deixa de o ser dos homens.

—A moda regula tudo, até os governos das nações lhes são subordinados.

—A authoridade da moda é tão absoluta, que nos obriga a ser ridiculos sob pena de o parecermos.

Não contenté de prodizir quasi todos os ridiculos, a moda se arroga ainda o direito de os distribuir.

—Tal é a magia da moda, que a ultima nos parece sempre a mais bella.

—Ligeira, inconstante e imperiosa, a moda agrada sempre e se faz sempre seguir, apezar de todos os seus defeitos e de todos os seus caprichos.

—Os tributos mais gravosos são aquelles, que a vaidade e a moda nos impoem.

—Ha tanta fraqueza em fugir da moda como em ser escravo d'ella.

Conselheiro José Joaquim Rodrigues de Basto

## A MULHER

Daos ás paixões a maior intensidade, aos sentidos a maxima energia, aos prazeres o maior desenvolvimento e convertei o mundo n'um paraíso; mas tirae d'elle a mulher e o mundo será um ermo, os prazeres apenas o deleite do tedio.

ALEXANDRE HERCULANO.

## O REGATO

(DE VICTOR HUGO)

O regato cahia do rochedo.  
Gotta a gotta no mar tão pavoroso,  
E o Oceano nauticida, impondo medo,  
Diz: «Que desejas ó pigmeu choroso?»

Eu sou a tempestade e os seus horrores;  
Acabó onde comeca o céo extenso.  
Carecerei de ti, de teus favores,  
Ente mesquinho, ca que sou o immenso?»

Responde-lhe o regato a sussurrar:  
«Eu dou-te, sem alarde e a bel-prazer,  
O que sempre te falta, ó vasto mar!  
A gotta d'agua para se beber

Braga.

JOSÉ PARRERA.

## TOQUE DAS TRINDADES

(NA ALDEIA)

Finda a tarde e o campanario  
Annuncia, solitario,  
Que a noite o negro sulario  
Vae prestes de-enrolar.  
Trindades, hora da zola;  
Costumam na minha aldeia  
Ao som que o bronzo estaneaia  
A Virgem Santa rezar.  
Reza o humilde pobresinho  
Sob o telheiro mesquinho;  
Reza a mãe, juncto ao filhinho,  
De joelhos, sobre o lar.

Vizella, setembro 81.

BRÁULIO CALDAS.

## NA PRAIA

Se, brincando nos rochedos  
me dissesses «vês o mar  
confessando os seus segredos  
ás conchas e ao luar?

Pois bem; vê tu desejava  
vêr-te morrer azolla,  
Logo, logo mergulhava  
no ténue azul do mar.

E se então tu murmuravas  
cheia d'intima alegria:  
«sorri agora» Cuidavas  
que não sorrisse? Sorria!

CARLOS BRAGA

## DESILLUSÕES

O vento eleva ás nuvens a poeira,  
e o Sol doira, n'um rapido clarão;  
mas, depois da viagem passageira,  
novamente a dispersa pelo chao.

E a gente fica, entre abysmado e louco,  
cheio de espanto e de tristeza e dó,  
ao vêr que o pó era aquelle oiro ha pouco,  
e ao vêr que o oiro era somente... pó.

A phantasia eleva, como o vento,  
as illusões que o sol da Vida aclara:  
mas, depois de as seguir por um momento  
abandona-as ao peito onde as achara.

E a nossa alma, coberta de amargura,  
n'um mixto de surpresa e de afflicção  
creu que a illusão foi dar á sepultura,  
e vê que a sepultura era... «illusão».

Coimbra.

QUEIROZ RIBEIRO.

TP. DO COMMERCIO DE GUIMARÃES